

1

A mãe

A foto dormia bem-escondida, debaixo de uma pilha de coisas velhas e esquecidas no alto de um armário do corredor, lá em casa, em Dammarie-lès-Lys. Foi lá que cresci, em um grande apartamento de um sombrio condomínio de prédios de uma dezena de andares, na rua Bas-Moulin, em Seine-et-Marne. Em cima de um banco, eu remexia no fundo das prateleiras, quando pus os olhos nela. Esse velho retrato em preto e branco mostrava um homem bonito de terno e uma jovem sorridente vestida com um lindo vestido de noiva. Eu o reconheci de imediato: Maxime Picat, o pai, quero dizer, o meu, mas em casa o chamávamos de “o pai”. Portanto ela só podia ser a minha mãe, uma certa Marie-France Grison, nascida no dia 18 de dezembro de 1949. Tinha 23 anos quando nasci, em 2 de julho de 1972. Eu nunca a tinha visto, seu rosto me era totalmente desconhecido. Eu era adolescente, e tanto quanto me lembre, nunca vi pela casa uma única foto daquela que me deu a vida. Minha irmã mais velha, Christelle, estava na mesma situação. Apenas Richard, nosso irmão mais velho, se lembrava um

pouco dela, mas nunca tocava no assunto. O pai sempre se recusou a me falar dela e eu ignorava por que ela havia ido embora. Sabia apenas que ela era 19 anos mais nova que meu pai, e que foi embora de casa pouco depois de meu nascimento. Quando perguntava a meu progenitor, ele invariavelmente respondia, sem quase descerrar os lábios:

— Um dia, às cinco horas da manhã, saí para trabalhar. Quando voltei, às 14h30, ela não estava mais aqui e você estava berrando em sua fralda suja.

Essa fralda transbordante, e que minha bundinha de bebê esmagou durante várias horas, marcou a minha lombar, deixando uma cicatriz do tamanho de um bombom de chocolate, no lugar onde o cocô queimou minha pele. Essa mancha podre é a única lembrança que minha mãe deixou. Tive sorte: meu irmão mais velho, Richard, que tinha 6 anos quando ela se foi, tem a memória repleta de flashes sórdidos que teria preferido esquecer. Como o dia em que nossa mãe o segurou pela perna e o arrastou assim por todo o apartamento. Seria em função de uma nota baixa? Ele não queria se sentar à mesa? O fato é que Richard teve a impressão de que sua perna ia ser arrancada do corpo. E se o pai não tivesse chegado a tempo, era capaz de ele ter ficado aleijado. Essas cenas de violência se repetiam regularmente. A mais impressionante aconteceu quando a mãe o suspendeu pelos pés por cima da varanda. O espetáculo de um garotinho de 4 ou 5 anos balançando no vazio não passou despercebido: eu soube do incidente alguns anos mais tarde, ouvindo os sussurros de uma conversa dos vizinhos de cima. Disseram também que Richard gritava o dia inteiro quando a mãe morava conosco. Na certa lhe faltava paciência.

Para meu irmão, o assunto sempre foi tabu. Ele devia saber por que ela nos abandonou, a ele, a minha irmã Christelle e a mim, mas sempre se esquivou das perguntas. As únicas vezes em que evocava a nossa mãe era quando ralhava comigo de brincadeira:

— Ei! Marie-Laure, pare de se irritar assim, parece a sua mãe...

Era a grande brincadeira de todos, implicar comigo, me lembrando a nossa semelhança. Parece que eu tinha a sua corpulência, e falava como ela. Esse tipo de comentário me deixava furiosa: ter pontos em comum com essa desconhecida era frustrante e humilhante. Minhas tentativas de saber quem ela realmente era também não tinham sucesso junto ao pai. Ele apenas se limitava a responder, quando eu insistia mais que de costume:

— Não prestava para nada, isso é tudo que você precisa saber.

Não me lembro de ter sofrido pela ausência materna. Ao contrário de meu irmão, que viveu com ela por alguns anos, o que não conheci não podia me faltar. Apesar disso, a razão de seu abandono sempre me intrigou, sobretudo quando foi minha vez de me tornar mãe. Foi apenas recentemente que pude descobrir mais coisas, graças a Richard, que finalmente consentiu em se abrir:

— Não foi a mãe que decidiu partir, foi o pai que a expulsou.

Segundo meu irmão, minha mãe não fazia nada em casa. Não era capaz de preparar uma refeição e passava o dia pintando as unhas. Assim que o pai voltava para casa, ela se maquiava e ia encontrar suas amigas no bar. Não trabalhava e gastava todo o salário do pai em roupas e noitadas.

Quando voltava, tarde da noite, nós já estávamos dormindo há muito tempo... Cada mês o pai lhe confiava a tarefa de pagar o aluguel em dinheiro ao administrador. Um dia o proprietário veio cobrar seis meses de aluguel atrasado. O pai levou um baque. Foi nesse momento que decidiu expulsá-la. Na mesma noite, disse-lhe friamente: “Chega, pegue seus trapos e suas tralhas, não quero mais vê-la.” No dia seguinte, ela deixou a casa.

Fiquei realmente mexida ao saber disso depois de anos de silêncio. Mas isso não muda em nada a raiz do problema: ela simplesmente nos abandonou. A prova é que nunca tentou retomar contato conosco. Quando meu pai iniciou os trâmites do divórcio, logo após a sua partida, ela nem sequer se apresentou ao juiz. Mesmo sem a guarda, poderia ter obtido o direito à visita! Em vez disso, depois da terceira audiência em que ela mais uma vez brilhou por sua ausência, perdeu seus direitos de mãe, e o divórcio foi decidido a favor do pai. Talvez tenha se casado cedo demais, com um homem velho demais, sem dúvida não estava preparada para uma vida em família. Mas merda! Isso não é uma desculpa.